

Olhar adiante

Não! Não olhe! (Jordan Peele, 2022, EUA)

por Marcelo Miranda

O terceiro filme de Jordan Peele ilustra um encontro entre Alfred Hitchcock e M. Night Shyamalan atravessado por urgências e inquietações levadas ao *mainstream* de Hollywood nos anos 2020. Significa que *Não! Não olhe!* (*Nope*, 2022) tem lá sua carga de tributo a alguns nomes que modelaram o imaginário de Peele (poderia incluir ainda Steven Spielberg e Rod Serling), mas todos entram reconfigurados para o que faz de seu cinema algo bastante singular no cenário audiovisual popular de hoje. Assistir ao filme é perceber uma série de procedimentos familiares, os quais o espectador mais ativo reconhece logo de imediato, porém apresentados de um jeito algo torto, estranho, insólito, como se fosse igual, mas diferente. Desde o prólogo, só explicado bem adiante na narrativa, a sensação é de que alguma coisa está fora do lugar mais tradicional de um enredo como esse, que convencionalmente seria “apenas” a história de um pequeno grupo de pessoas a enfrentar uma invasão alienígena.

O estranhamento inicial da história do chimpanzé enlouquecido é a tônica de *Não! Não olhe!*. É por essa trama em paralelo que o não-visto é incorporado ao drama central dos irmãos OJ (Daniel Kaluuya) e Em (Keke Palmer), obrigados a lidar com um aparente fenômeno sobrenatural que inicialmente se manifesta por algo que eles não conseguem vislumbrar. Se no cinema de Shyamalan – em especial *Sinais* (*Signs*, 2002), *A Vila* (*The village*, 2004) e *Fim dos tempos* (*The happening*, 2008) –, a ameaça não-vista se configura a partir de crenças que o entorno dos personagens nos fornece, sejam notícias no rádio, histórias orais ou informações da TV, em Jordan Peele ela é manifestada pela percepção da própria presença da ameaça nos céus da fazenda e da crença muito rápida de que, para o fenômeno de fato ser comprovado, é preciso registrá-lo em imagens. *Não! Não olhe!* desloca a resistência em prol da sobrevivência vista em Shyamalan para a perseguição da *performance*, o sucesso midiático, a legitimação metaforizada no programa da Oprah Winfrey, aqui sendo como a Moscou em *Tio Vânia* (peça de Anton Tchécov), para onde os personagens querem ir como lugar utópico e idealizado que os irá acolher.

No filme de Jordan Peele, portanto, o não-ver é a premissa, mas não é desenvolvimento. Rapidamente o espectador enxerga a ameaça, inclusive por dentro de suas entranhas, e com isso pode compartilhar com ela a sua grandiosidade e perigo. OJ, Em e a pequena turma de aventureiros que se forma em torno deles não conseguem, pelo menos até o último instante de filme, captar a imagem definitiva da ameaça, mas Jordan Peele faz isso por eles com generosidade no mínimo por metade da duração de *Não! Não Olhe!*. É como se, ao não esconder a ameaça (como faz Shyamalan em *Sinais* ou Spielberg em *Tubarão/Jaws*, 1975), Peele já desde sempre não permita que seus personagens possam ser questionados. Qualquer lastro de ambiguidade é retirado do filme, cabendo ao público compartilhar com OJ, Em & cia os desdobramentos de suas ações e ambições.

É um gesto fundamental do criador, especialmente ao pôr em cena uma família de pessoas negras que, desde o começo, é tratada com certo desdém e olhares tortos pelos artistas e técnicos brancos do set de filmagem (que são alegorias, em certa medida, de parcela significativa do público branco de um filme como esse). Sente-se a relação racial de fortíssima tensão que Peele domina com brilhantismo na *mise-en-scene* e tem em *Corra!* (*Get out*, 2017) sua maior representação. Não se tem, portanto, um filme de *dúvidas*, e sim de *afirmações* – de gestos, de olhares, de verdades, de crenças, de

ações. A sequência em que OJ corre a cavalo tentando “domar” a criatura voadora em seu encaço é uma espécie de refilmagem moderna da fuga a céu aberto do publicitário Roger Thornhill (Cary Grant) de um avião de pequeno porte em *Intriga internacional* (*North by northwest*, Alfred Hitchcock, 1959), porém com todos os sinais trocados. Agora quem está em solo é o jovem trabalhador negro do interior da América; ele é quem busca enredar quem está no ar, e o ser voador é vislumbrado claramente pelo espectador, sem maiores enigmas que não sejam sua origem ou procedência.

Quando finalmente Em consegue fotografar a criatura voadora, o filme parece se importar menos com isso do que a transfiguração da história em mito. O final, o mais otimista dentre os três filmes de Peele até aqui, acumula a ameaça contida, a família resgatada, a imagem registrada e as sobras dos cacos materiais e afetivos, tudo bastante objetivo. Não há a mercantilização do trauma ou o aprisionamento em dores do passado, como tem sido praxe em estopins de alguns filmes de horror e ficção científica nos últimos anos. Em *Não! Não olhe!*, apesar do título em português, olhar adiante, para além da poeira, é o que modula o futuro.

Revista Abismu - Outubro, 2022